

RITOS PÓS-MORTE E PRÁTICAS SIMBÓLICAS: MARIA CABORÉ E O IMAGINÁRIO SOCIAL NA MEMÓRIA FÚNEBRE DA CIDADE DO CRATO – CE¹.

José Felipe de Lima Alves (URCA/CE)
Hayane Mateus Silva Gomes (FAP/CE)

Palavras-chave: Morte; Ritos; Imaginário.

Introdução

A proposta de escrita deste trabalho surge especificamente a partir de um trabalho de campo que foi realizado no Dia de Finados (02/11/2014) na cidade do Crato, localizada na região do cariri no Estado do Ceará. Tendo como objeto de estudo os rituais fúnebres nesta cidade, realizamos uma pesquisa nos dois cemitérios no dia em que é guardado à memória dos mortos. Mediante a realização da pesquisa alguns fatos nos chamaram à atenção, tendo em vista que muitas pessoas visitavam com frequência dois túmulos específicos. Um dos túmulos mais visitados era o de uma mulher conhecida como Maria Caboré. Desta forma, ao longo do trabalho entenderemos quem foi esta figura e sua representação na memória fúnebre e no imaginário da cidade.

Assim, o objetivo do trabalho é o de traçar uma trajetória de uma figura feminina que permanece no imaginário popular e na memória funerária da cidade. Utilizando como metodologia a observação participante para a escrita da etnografia, realizada no Dia de Finados como falado anteriormente e informações que são coletadas com pesquisadores da Universidade Regional do Cariri e com alguns moradores da cidade, principalmente do jornalista e pesquisador Huberto Cabral². Partimos então de uma análise que além de tratar a questão fúnebre compreende ainda uma análise de gênero, tendo em vista que “o gênero, é então um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana”. (SCOTT, 1990, p. 16).

¹ “Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF”.

² Masculino, 76 anos, jornalista, funcionário da Rádio Educadora do Cariri, curador da EXPOMORTE.

Construção do Cenário e Atores Sociais

O trabalho surgiu através do recorte da pesquisa sobre Rituais Fúnebres no Cariri Cearense: emoções, símbolos e significados. Com o objetivo de compreender os ritos pós-morte, realizamos uma observação participante no dia de finados, para uma melhor compreensão dos fatos descrevemos a seguir a situação.

Inicialmente, logo pela manhã, nos dirigimos ao cemitério público da cidade que tem como nome Nossa Senhora da Piedade, circulamos por entre os túmulos e observamos um grande número de pessoas em volta dos mesmos, fizemos esse exercício durante quase todo o dia, tendo em vista que fizemos ainda uma visita ao cemitério particular da cidade. Em todos os momentos acompanhávamos as pessoas que visitavam os túmulos, observando as homenagens que prestavam e tudo o que faziam no interior do cemitério. Muitos paravam durante algum tempo pegavam um rosário e começavam a rezar, choravam, lamentavam a perda e colocavam pra fora a dor da solidão e a saudade. A maioria dos visitantes aguardava a realização da próxima missa que viesse acontecer, dentro do próprio cemitério há uma capela e as missas eram celebradas com frequência.

Os familiares das pessoas que já morreram fazem as visitas não só aos túmulos dos parentes, mas visitam também os dos amigos e de pessoas conhecidas. “É um dia triste para todo mundo, mas é assim mesmo, é um dia de homenagear quem a gente gosta”. (Dona Ana Maria, em relato sobre o dia de finados). As pessoas sempre lamentam a dor e falam sobre a importância do dia. Dona Zeuda diz que já perdeu o esposo, a mãe e duas filhas e afirma: “eu passo o dia todinho, todo ano com eles, é o dia que a gente pode ficar junto. Eu venho de vez enquanto, mas num dá pra ficar o dia todo, quando é no dia de finados até o almoço eu como aqui fora”. Nesse dia uma grande estrutura de ambulantes é montada no entorno do cemitério para atender os visitantes, dentre outras coisas, observa-se a venda de lanches, comidas, flores, velas, água e etc.

Em conversa com o Padre Zé Vicente ele nos diz que “a importância do dia de finados reside na fé dos fiéis e na certeza que a vida não acaba aqui”. Na caminhada

desse dia, conversamos com Dona Francisca uma senhora que há muito tempo estava em pé de frente a um túmulo, ela uma senhora de bem mais idade era o que mostrava a aparência, vestia uma saia verde bem comprida, uma blusa rosa salmon, um pano branco amarrado na cabeça, um rosário no pescoço e o outro na mão que segurava e rezava o seu terço, pois segundo ela “quem morre só quer reza”. Na verdade, esse dia não era apenas mais um dia comum no cemitério, era um dia de festa, não festa de alegria, mas festa de homenagens, e como toda festa é organizada, no cemitério também era, muitas pessoas lavavam e limpavam os túmulos, colocavam flores e deixavam o cenário pronto para os acontecimentos. Uma festa que teve direito a um banho de pétalas de rosas jogadas de um helicóptero contratado por uma empresa funerária.

Continuamos exercitando os exercícios do olhar e do ouvir, e um fato nos chamou à atenção durante esse dia no cemitério público. Em dois jazidos a frequência de pessoas e a movimentação intensa percorreu todo o dia, acendiam velas, levavam flores, cartas, papéis, rosários, fotos e etc. Os túmulos pertenciam a duas pessoas que residiam no Crato antes do falecimento, o primeiro é o de um médico conhecido por todos como Dr. Gesteira e que segundo os visitantes foi o homem mais caridoso que morou na cidade. O segundo túmulo pertence a uma senhora conhecida como Maria Caboré, os visitantes afirmaram que ela foi uma deficiente mental que vivia nas ruas da cidade, prestando favores as pessoas e recebendo presentes em troca, uma vez que era muito vaidosa.

Alguns visitantes afirmaram que ela sofria muito quando ainda era viva, e quando veio a falecer “ganhou o reino dos céus”. Dessa forma, as pessoas dizem que ela é uma intercessora junto à Deus de quem a ela se apega. Muitos costumam fazer pedidos ao seu espírito e dizem que são atendidos. O dia de finados é usado por essas pessoas como um dia para pagar as promessas que são atendidas por Maria Caboré. Maria Eunice de Oliveira, uma mulata de estatura baixa que é jardineira e faxineira no cemitério diz que é devota de Maria Caboré, pois fez uma promessa para o filho se curar de uma doença epilepsia e se apegou a ela. “Meu filho tem 20 anos e sofria de elepsia, eu me apeguei a ela e ele se curou, primeiramente Deus e depois Maria Caboré, desde desse dia que eu limpo direto o túmulo dela de graça”.

Ficamos durante muito tempo próximo ao túmulo, pois as visitas com frequência não paravam de chegar. Em um determinado momento conversando com Eunice a

jardineira, se aproximou uma mulher conhecida por Marinês, a mesma chorava muito e dizia: “eu queria tanto que ela curasse meu filho que só vive bebo”, Eunice em resposta diz: “muié pois traga um papelzim com o nome dele e coloque no túmulo, se apegue com ela que ela resolve”. Na mesma hora ela pediu pra colocarmos o nome do rapaz em um papel que foi dobrado pela mãe e fixado no túmulo. Eunice diz que crê nela, por que “o povo diz que ela era espírita, via muita coisa”.

Assim, continuamos o trabalho e visitamos a EXPOMORTE, uma exposição que existe desde o ano de 2002 e expõe no cemitério, mais precisamente no dia de finados os chamados “santos de luto”, que são as lembranças distribuídas nas missas de aniversário de morte das pessoas que falecerem. O idealizador e curador da exposição é o jornalista Huberto Cabral, que coleciona o material e faz sua exposição todos os anos.

Frente a isso, compreendemos que os túmulos são visitados com frequência, principalmente nos aniversários de morte e no dia de Finados (02 de Novembro). “Os que morrem são lembrados nos rituais pós-morte – nas missas de sétimo dia, de um mês, de um ano; no dia de finados onde seus túmulos são visitados pelos amigos; [...]”. (CORDEIRO, 2009, p. 7). São os rituais dos vivos que lembram seus mortos, esses rituais envolvem as orações que têm como objetivo pedir a Deus o descanso para a alma da pessoa que morreu.

O túmulo aparece como lugar sagrado que guarda o corpo. “Aqueles que não vão à Igreja vão sempre ao cemitério, onde se adotou o hábito de por flores nos túmulos. Aí se recolhem, ou seja, evocam o morto e cultiva sua lembrança”. (CYMBALISTA, 2002, p. 81). É uma prática doméstica e corriqueira visitar os cemitérios hoje em dia, é uma forma de lembrar seus mortos e pedir a Deus por sua alma. “Este culto dos mortos e dos túmulos que é signo disto, é um elemento constitutivo da ordem humana, um laço espontâneo entre as gerações e a sociedade e a família” (ARIÈS, 2003, p. 210).

Maria Caboré: uma figura memorável

Depois do dia de finados, surgiu uma grande curiosidade em conhecermos melhor quem foi Maria Caboré e o porquê do seu túmulo ser tão visitado. Recorremos

ao Departamento do Curso de História da Universidade Regional do Cariri e um dos professores nos indicou o pesquisador Huberto Cabral como grande conhecedor da sua história e o mesmo em entrevista nos relata um pouco da história dessa figura tão importante:

Maria Caboré foi um dos tipos populares do Crato muito querida, eu já disse e até publiquei na imprensa que Maria Caboré foi a débil mental de mais juízo do Crato. Era uma pessoa muito caridosa, era também de muita confiança em quem as famílias do Crato confiavam, quando as famílias viajavam deixavam ela administrando as casas. Ela semanalmente e voluntariamente fazia a faxina da cadeia pública. Em 1936 quando surgiu aqui o surto da peste bubônica, quando então Dom Francisco de Assis Pires, segundo Bispo Diocesano transformou o seminário São José em hospital de emergência, ele deu férias aos seminaristas e transformou, por que não tinha hospital aqui, então transformou em hospital de emergência para atender as vítimas da bubônica. As pessoas quando sabiam de alguém com qualquer sintoma levavam para vacinar lá no seminário e Maria Caboré foi uma dessas pessoas que foi levada lá para o seminário e infelizmente quando foram aplicar a vacina houve um choque da vacina em seu organismo, aí ela caiu morta. (HUBERTO CABRAL, 76 anos, jornalista. Entrevista realizada em 21 de Janeiro de 2015).

Dessa forma, podemos refletir sobre a figura de uma mulher que faleceu no ano de 1936 e que até hoje permanece no cotidiano da sociedade Cratense. A análise pode ser situada a partir de uma visão de gênero uma vez que “[...] o gênero tornou-se uma palavra particularmente útil, pois ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais consignados às mulheres e aos homens”. (SCOTT, 1990, p. 07).

Assim, levando em consideração que a formação da sociedade brasileira é patriarcal e que a mulher sempre foi um símbolo de dominação e submissão por parte dos homens, Maria Caboré, uma mulher, negra, que segundo a população era pobre e vivia da ajuda dos outros surge como centro da visibilidade deixando em pé de igualdade outra figura memorável na cultura fúnebre da cidade. Dr. Gesteira um médico renomado, branco e de família rica passa agora a dividir a atenção dos que estão vivos. De uma forma igualitária as pessoas visitam os túmulos sem fazer distinção de sexo e de classe, levando em consideração apenas o papel que os mesmos desempenharam em vida.

Rosaldo nos traz uma contribuição para pensar o papel da mulher quando ela afirma com seu pensamento: “Vejo agora que o lugar da mulher na vida social humana

não é diretamente o produto do que ela faz, mas do sentido que adquirem estas atividades através da interação social concreta”. (ROSALDO *apud* SCOTT, 1990, p. 14). Essa interação pode ser atribuída ao papel que Maria Caboré desempenhou no seio da sociedade em que viveu, trazendo não apenas os frutos das suas ações, mas e sobretudo da sua interação social com as pessoas que viveram na sua época e que a transformaram em uma figura que é lembrada no decorrer das gerações.

De acordo com a sua história que vem sendo semeada ao longo dos anos, Maria Caboré era uma mulher independente, que deixava seu problema mental de lado e ia em busca do que queria. Solteira e sem obrigação de realizar os serviços domésticos, ganhava as ruas do Crato e o seu destino era apenas ajudar as pessoas, o que fez com que ficasse conhecida por todos. Incorporou um papel de mulher e perpassou as regras sociais fazendo com que adquirisse um valor que ficou fixado na cultura do lugar. Dessa forma, pensamos Maria Caboré da mesma forma que Rosaldo pensa a mulher quando ela diz que “elas adquirem o poder e um sentido de valor quando são capazes de transcender os limites domésticos, tanto penetrando no mundo masculino como criando uma sociedade entre elas mesmas”. (ROSALDO, 1979, p. 59).

Com isso, percebemos que Maria Caboré não foi uma mulher submissa aos papéis atribuídos pela sociedade patriarcal. Ela inventou os seus próprios papéis, criou o seu próprio contexto fazendo com que as pessoas buscassem nela uma pessoa em quem confiavam para todos os momentos. Rosaldo nos traz outro elemento a ser refletido: “Simmel salienta que a mulher “por causa de suas funções peculiares, foi relegada à atividades limitadas ao seu lar confinada a devotar a si mesma a um único indivíduo e impedida de transcender as relações grupais estabelecidas pelo casamento e família”.” (SIMMEL *apud* ROSALDO, 1979, p. 40). Pensamos a partir dessa afirmação que Maria Caboré desmistificou essa idéia, transcendendo todas as barreiras sociais e perpassou as barreiras impostas pela família, principalmente na abdicação ao casamento.

Dada a reflexão sobre a trajetória da mulher conhecida como Maria Caboré, recorreremos novamente a Huberto Cabral para pensar a forte presença que a personagem deixou na cultura do Crato após sua morte:

Depois que foi sepultada, o seu túmulo no Cemitério Nossa Senhora da Piedade passou a ser o mais visitado no dia de finados, milhares de pessoas

vão lá prestar a sua homenagem, o seu tributo de saudade a Maria Caboré, reconhecendo esse seu trabalho e reconhecendo também as suas virtudes. A história dela vai passando de geração em geração, se pudemos dizer, essa devoção, essa gratidão a ela. Geralmente em quase todos os domingos nas intenções das missas na Igreja de Nossa Senhora da Penha, registram graças alcançadas através da alma de Maria Caboré. Eu costumo dizer que Maria morou mais nas residências das pessoas do que na sua própria casa, ela era muito procurada, muito solicitada. (HUBERTO CABRAL, 76 anos, jornalista. Entrevista realizada em 21 de Janeiro de 2015).

Assim, podemos salientar que a personagem ficou conhecida por seus feitos e deixou um legado crivado na memória do povo Cratense. Partindo da perspectiva de uma memória coletiva, percebemos que “a memorização coletiva é possível, pois o contexto é aquele de uma memória forte enraizada em uma tradição cultural”. (CANDAU, 2011, p. 46). Essa mulher enraizou a sua história e disseminou os seus feitos em todo o seio da sociedade Cratense. Podendo confirmar o que diz a afirmação a seguir: “a memória coletiva parte de múltiplas combinações que formam, assim, configurações memoriais mais ou menos estáveis, duráveis e homogêneas”. (CANDAU, 2011, p. 48). A configuração memorial de Maria Caboré tem uma durabilidade intrínseca e se mistura em meio ao povo que perpassa a sua história.

Considerações Finais

Maria Caboré ficou conhecida na cidade e faz parte da memória fúnebre do lugar. O seu trabalho e a caridade para com as pessoas, o seu desejo de ajudar, fez com que ela fosse respeitada e querida por todos, mesmo sendo considerada como débil mental. Ela desempenhou diversos papéis na sociedade cratense e quebrou as barreiras da invisibilidade feminina. Sua visibilidade pode ser atribuída as diversas características que perpetuou a sua vida. Refletimos sobre Maria Caboré de acordo com Nicholson:

Quero sugerir que pensemos no sentido de “mulher” do mesmo jeito que Wittgenstein sugeriu pensarmos o sentido de “jogo”, como palavra cujo sentido não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características. (NICHOLSON, 2000, p. 35)

Ela incorpora assim, esse sentido de mulher que elaborou através de seus papéis uma grade rede características pessoais que a fez ser conhecida e reconhecida por um número considerável de pessoas. Foram as suas características, principalmente a sua personalidade de mulher boa que fez com que ela seja lembrada ainda hoje, mesmo passando quase cem anos da sua morte.

A sua história, os seus feitos e a sua trajetória que deu visibilidade a um papel de mulher que transcendeu as barreiras da submissão e da dominação projetou uma imagem que viveu e permaneceu no cotidiano da cidade quando ainda estava em vida e que permanece na memória dos que estão vivos e que aprenderam a sua história.

Maria Caboré sem dúvidas é uma das figuras que protagonizam o enredo da cultura fúnebre do Crato, seja ela lembrada nos tributos de saudade, nas homenagens, nas orações, nas missas, ou até mesmo como devoção popular do povo da cidade. A imagem da personagem lembrada no dia dos mortos permanece na memória dos Cratenses, construindo o imaginário social da cidade e é reproduzida para as outras gerações.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CORDEIRO, Domingos Savio A. **A morte em grupos de convivência de terceira idade**. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ). Rio de Janeiro, 2009.

CYMBALISTA, Renato. **Cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, VOL8. N.2/2000, pp. 09- 41

ROSALDO, Michelle Z. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In ROSALDO, Michelle Z. e LAMPHERE, Louise (coords.) **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1979.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul/dez. 1990, pp. 05-19.